Nota Técnica 06/2026

Mangaba em Sergipe: produção, valor e oportunidades para o fortalecimento da cadeia

Sudanês B. Pereira
Economista | Inteligência de Mercado
| Desenvolve-SE

| Outubro 2026

DESENVOLVE-SE
AGÊNCIA SERGIPE DE DESENVOLVIMENTO

APRESENTAÇÃO

A mangaba é um recurso da sociobiodiversidade brasileira que reúne potencial econômico, relevância ambiental e importância sociocultural, especialmente no Nordeste. Em Sergipe, a atividade extrativista se destaca pela presença de comunidades tradicionais de catadoras, pela ocorrência natural da mangabeira e pelas possibilidades de aproveitamento econômico do fruto.

Esta análise apresenta o panorama da produção de mangaba no Brasil em 2025, com destaque para a posição de Sergipe em volume e valor da produção. Examina também a evolução estadual entre 2010 e 2025, a participação de Sergipe nos totais nacional e regional entre 2018 e 2025 e o desempenho dos municípios produtores de 2021 a 2025.

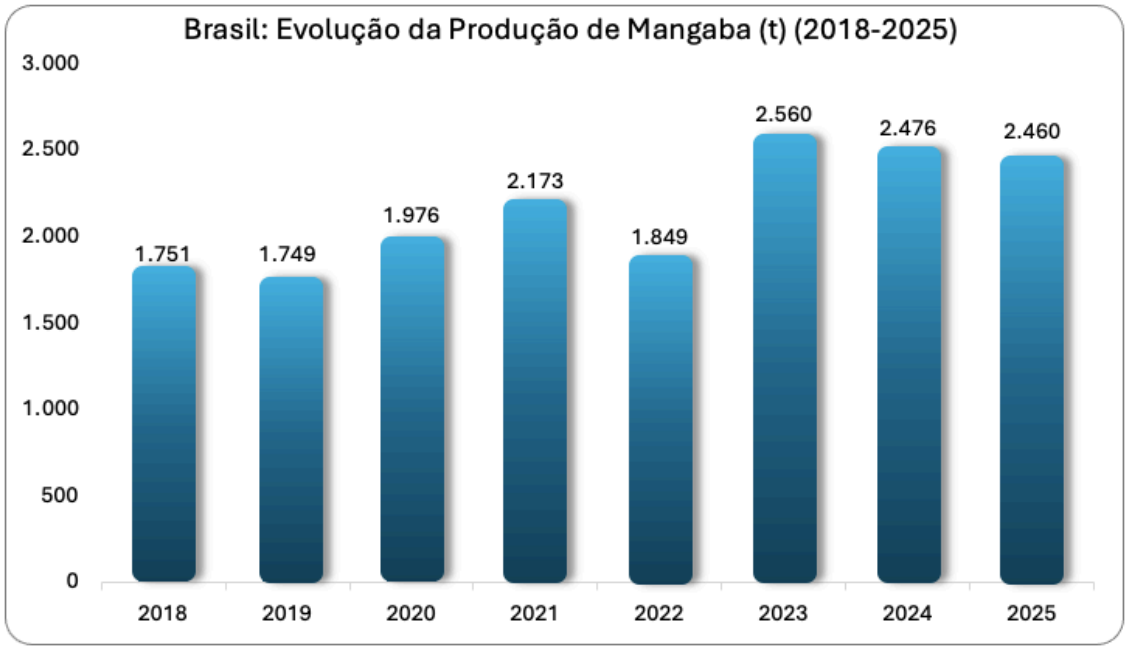
Além da quantidade produzida, são considerados o valor da produção, a distribuição territorial da atividade, a concentração municipal e as oportunidades de beneficiamento, industrialização e acesso a mercados.

O objetivo é apoiar a identificação de oportunidades para o desenvolvimento econômico de Sergipe, reconhecendo a mangaba como atividade capaz de gerar renda e dinamizar economias locais, ao mesmo tempo que depende da conservação das áreas de ocorrência da mangabeira e da valorização dos conhecimentos tradicionais.

1. Panorama da Produção de Mangaba no Brasil

Entre 2018 e 2025, a produção brasileira de mangaba aumentou de 1.751 para 2.460 toneladas, crescimento acumulado de 40,5%**.** A trajetória, contudo, foi irregular. Após permanecer praticamente estável em 2018 e 2019, a produção cresceu em 2020 e 2021, chegando a 2.173 toneladas em 2021. Em 2022, recuou para 1.849 toneladas, queda de 14,9% em relação ao ano anterior.

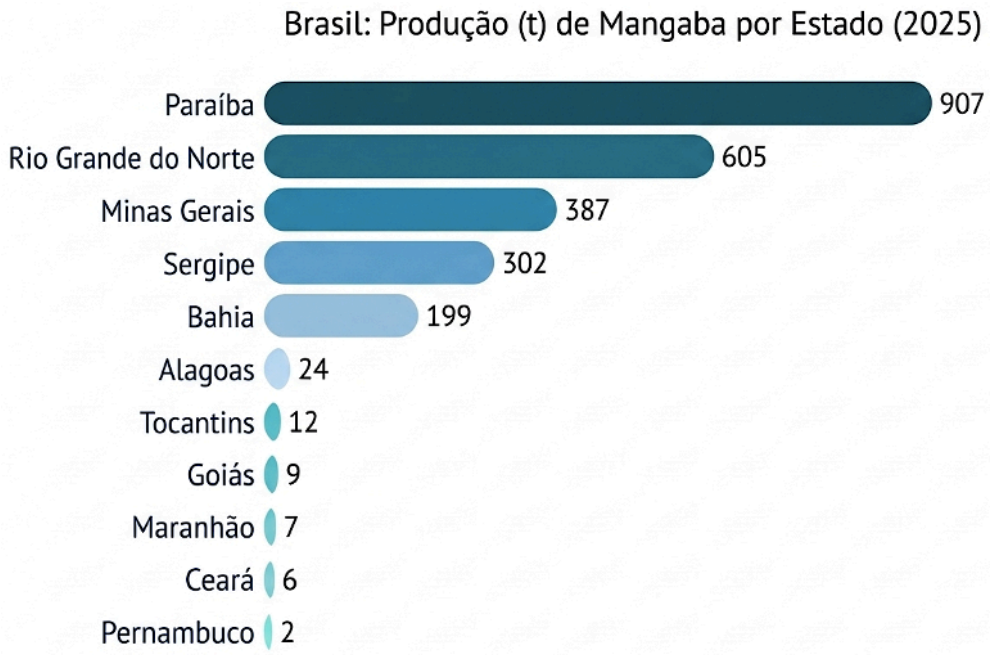
Em 2023 a produção recuperou significativamente, alcançando o pico da série, de 2.560 toneladas. Nos dois anos seguintes, houve pequena acomodação: a produção caiu para 2.476 toneladas em 2024 e 2.460 toneladas em 2025. Apesar do recuo em relação ao pico, o resultado de 2025 permaneceu próximo de 2,5 mil toneladas e foi o terceiro maior da série.



Fonte: IBGE/PEVS, 2025. Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

Em 2025, a produção nacional totalizou **2**.460 toneladas e concentrou-se em poucos estados. A Paraíba liderou, com 907 toneladas (36,9%), seguida pelo Rio Grande do Norte, com 605 toneladas (24,6%), e por Minas Gerais, com 387 toneladas (15,7%). Sergipe ocupou a quarta posição, com 302 toneladas (12,3%), e a Bahia ficou em quinto lugar, com 199 toneladas (8,1%). Os cinco estados somaram 2.400 toneladas, ou 97,6% da produção brasileira; os seis demais produtores responderam juntos por apenas 60 toneladas. Paraíba e Rio Grande do Norte concentraram 61,5% do total, e os quatro

primeiros colocados, 89,5%. Sergipe está 85 toneladas abaixo de Minas Gerais e 103 toneladas à frente da Bahia, posição que o mantém entre os principais polos produtivos do país.



Fonte: IBGE/PEVS, 2025. Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

A tabela abaixo ilustra o panorama compleo da produção e valor da produção da mangaba. Em 2025, a produção nacional gerou R$ 8,83 milhões, e Sergipe liderou, com R$ 2,231 milhões (25,3% do total), à frente do Rio Grande do Norte (R$ 2,065 milhões; 23,4%), da Paraíba (R$ 1,746 milhão; 19,8%), de Minas Gerais (R$ 1,181 milhão; 13,4%) e da Bahia (R$ 1,057 milhão; 12,0%). Com 12,3% da produção, o estado detém 25,3% do valor da produção, ou seja, 13,0 pontos percentuais a mais, e responde por um valor 27,8% superior ao da Paraíba, embora produza apenas um terço do volume paraibano.

O valor médio por tonelada em Sergipe foi de R$ 7.387, ante R$ 3.590 na média nacional (2,1 vezes), R$ 3.413 no Rio Grande do Norte, R$ 3.052 em Minas Gerais e R$ 1.925 na Paraíba. Entre os cinco maiores produtores, apenas a Bahia (R$ 5.312) se aproxima do patamar sergipano. Alagoas (R$ 6.500) e Pernambuco (R$ 7.000) têm valores próximos aos de Sergipe, mas com volumes pequenos, assim como Tocantins (R$ 13.917) e Goiás (R$ 18.667), cujos valores elevados refletem produções de apenas 12 e 9 toneladas.

O resultado mostra que a vantagem competitiva de Sergipe está menos na escala e mais no valor obtido por unidade extraída. Esse diferencial pode decorrer da forma de comercialização, da qualidade do fruto, da proximidade dos mercados consumidores.

Tab.1. Brasil: Produção, valor da produção e Valor Médio por Tonelada da Mangaba por Estado (2025)

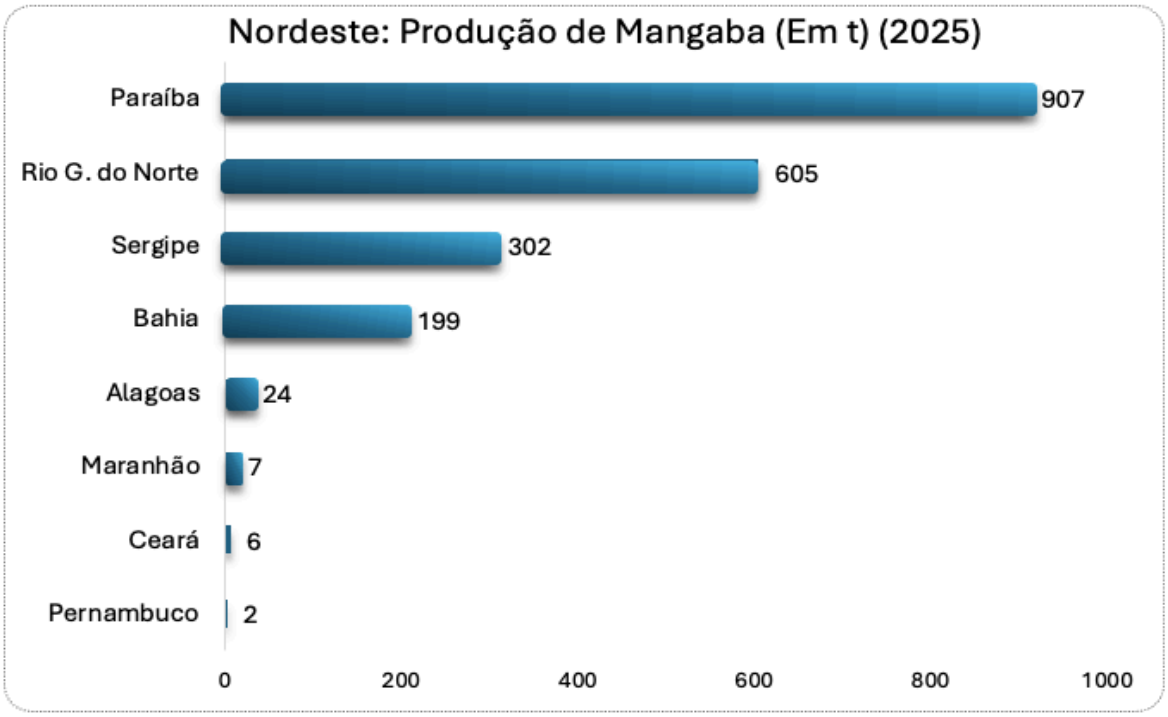
Estado	Produção (t)	% do Brasil (Produção)	Valor da Produção (VP) (R$ mil)	% do Brasil (VP)	Valor Médio (R$/t)
Paraíba	907	36,9	1.746	19,8	1.925
Rio Grande do Norte	605	24,6	2.065	23,4	3.413
Minas Gerais	387	15,7	1.181	13,4	3.052
Sergipe	302	12,3	2.231	25,3	7.387
Bahia	199	8,1	1.057	12	5.312
Alagoas	24	1	156	1,8	6.500
Tocantins	12	0,5	167	1,9	13.917
Goiás	9	0,4	168	1,9	18.667
Maranhão	7	0,3	34	0,4	4.857
Ceará	6	0,2	13	0,1	2.167
Pernambuco	2	0,1	14	0,2	7.000
Brasil	**2.460**		**8.832**		**3.590**

Fonte: IBGE/PEVS, 2025. Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

1.2 Posição de Sergipe no Contexto Regional e Nacional

Sergipe ocupa a terceira posição no rankings regional e a quarta no ranking nacional, com 14,7% da produção do Nordeste e 12,3% da produção brasileira. Mesmo sem liderar em volume, integra o grupo de três produtores que, juntos, respondem por 88,4% da oferta nordestina e 73,8% da nacional. A liderança regional é da Paraíba (44,2% do Nordeste), seguida pelo Rio Grande do Norte (29,5%).

A distância para os líderes (605 toneladas para a Paraíba e 303 para o Rio Grande do Norte) indica espaço para ganhos de escala. A vantagem de 103 toneladas sobre a Bahia mostra uma posição consolidada no ranking intermediário. A relevância do estado também decorre de seus diferenciais: comunidades tradicionais de catadoras, ocorrência natural da mangabeira e conhecimento acumulado sobre o manejo e o aproveitamento do fruto. Como a participação sergipana é expressiva, variações na produção estadual afetam a oferta regional: cada 10% de variação equivale a cerca de 30 toneladas, ou 1,2% da produção brasileira.



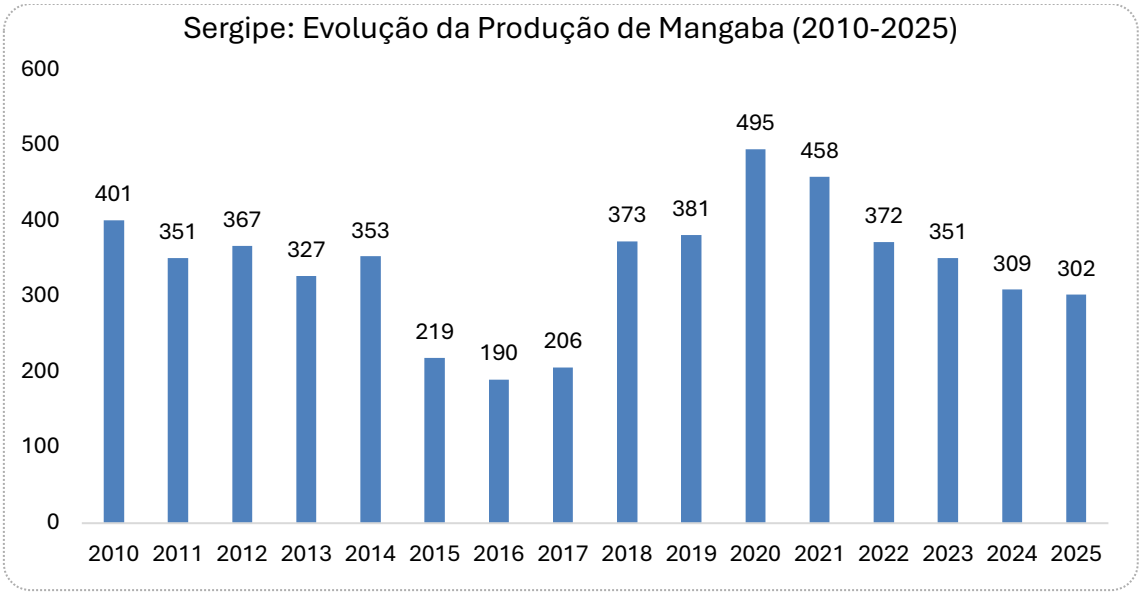
Fonte: IBGE/PEVS, 2025. Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

2. Evolução da Produção de Mangaba em Sergipe (2010–2025)

2.1 Trajetória Histórica

A série estadual apresenta três movimentos. Entre 2010 e 2016, a produção caiu de 401 para 190 toneladas, retração de 52,6% (−11,7% ao ano), com o menor volume da série em 2016. Entre 2017 e 2020, houve recuperação expressiva: o volume passou de 206 para 495 toneladas, expansão de 140,3%, com o maior resultado da série em 2020. De 2020 a 2025, a produção recuou de forma sucessiva até 302 toneladas, queda de 39,0% (−9,4% ao ano).

O comportamento reforça a necessidade de investigar as condições de manutenção dos recursos naturais, a disponibilidade de mão de obra extrativista, o acesso às áreas de coleta e a dinâmica dos canais de comercialização.



Fonte: IBGE/PEVS, 2025. Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

A tabela abaixo revela um movimento distinto entre os dois indicadores. Entre 2020 e 2025, a quantidade diminuiu 39,0%, mas o valor nominal da produção cresceu 80,2%, atingindo R$ 2,231 milhões, o maior da série. O valor médio aumentou de aproximadamente R$ 2.501 para R$ 7.387 por tonelada.

Tab. 2.Produção e Valor da Produção de Mangaba em Sergipe, 2010–2025

Período	Quantidade Produzida (T)	Valor da Produção(Mil Reais)
2010	401	803
2011	351	523
2012	367	883
2013	327	753
2014	353	799
2015	219	424
2016	190	445
2017	206	503
2018	373	841
2019	381	844
2020	495	1.238
2021	458	1.365
2022	372	1.318
2023	351	1.704
2024	309	2.043
2025	302	2.231

Fonte: IBGE/PEVS, 2025. Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

2.2 Participação de Sergipe na Produção Regional e Nacional (2018–2025)

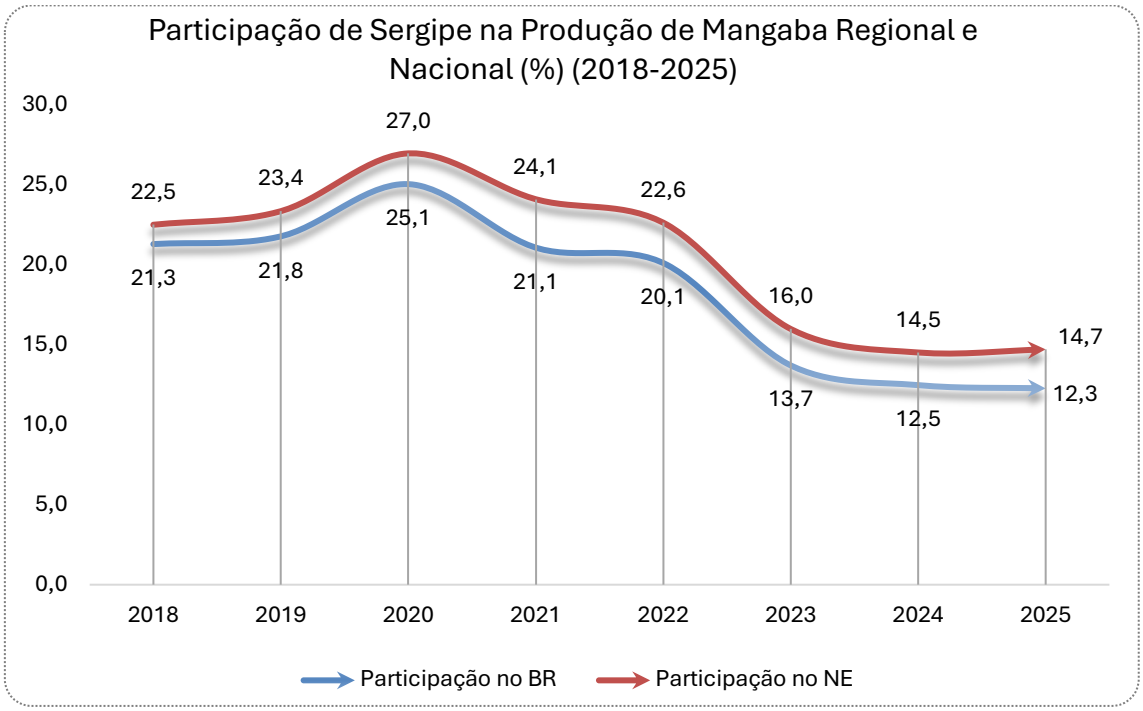
O gráfico mostra o aumento da participação de Sergipe até 2020, quando o estado atingiu seu maior peso na série: 25,1% da produção brasileira e 27,0% da nordestina. Esse resultado coincide com o pico estadual de produção, de 495 toneladas.

A partir de 2021, a participação caiu, com recuo mais acentuado em 2023. Em 2025, chegou a 12,3% no Brasil e 14,7% no Nordeste**.** Apesar da perda de espaço em relação ao pico, os percentuais ficaram praticamente estáveis entre 2024 e 2025, sugerindo interrupção da queda recente.

Essa redução da participação em volume ocorreu enquanto o valor nominal da produção sergipana aumentava: entre 2020 e 2025, a quantidade caiu 39,0%**,** mas o valor da produção passou de R$ 1,238 milhão para R$ 2,231 milhões, alta de 80,2%**.**

A distância entre as duas séries também traz uma informação territorial. A diferença entre a participação no Nordeste e a participação no Brasil passou de 1,2 ponto percentual em 2018 para 2,4 em 2025, com máximo de 3,0 em 2021.

A razão entre as duas participações indica que o peso do Nordeste na produção nacional caiu de cerca de 95% em 2018 para cerca de 84% em 2025. Esse resultado sugere que a produção de outras regiões, em especial a de Minas Gerais, ganhou espaço no total nacional. Para Sergipe, isso significa que a competição por mercados passa a envolver também produtores fora do Nordeste, e que a vantagem do estado se apoia cada vez menos na escala e mais no valor obtido por tonelada. Em 2025, Sergipe lidera o valor da produção, com 25,3% do total nacional, o dobro da sua participação em volume. Esse diferencial é a principal base para uma estratégia de agregação de valor e de acesso a mercados



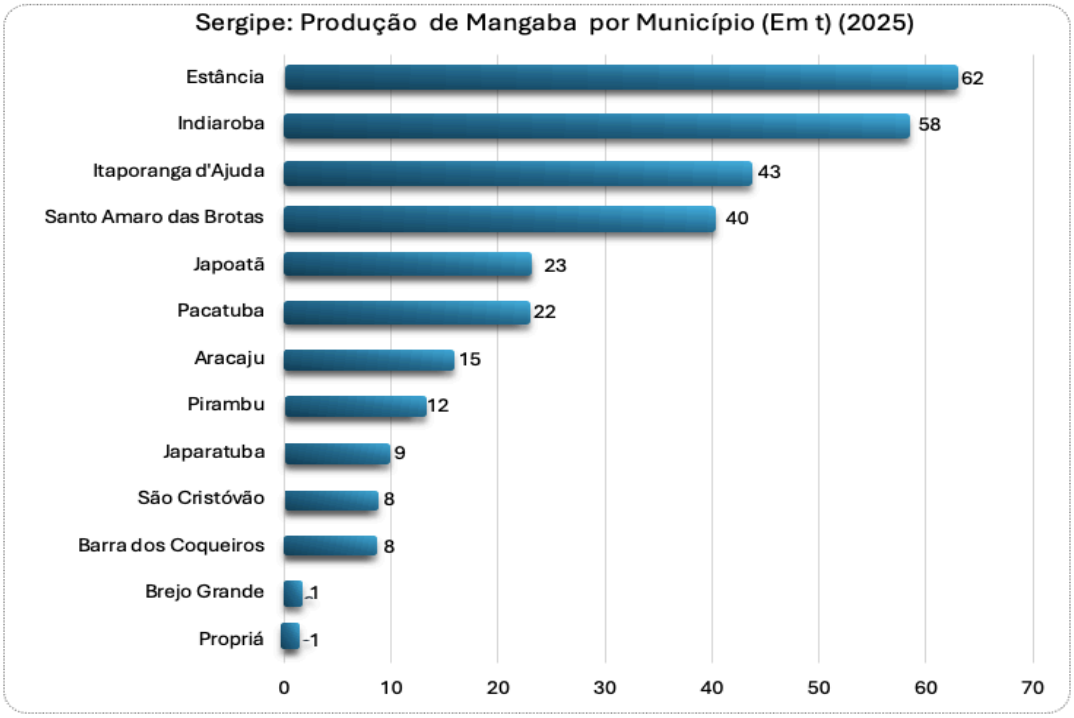
Fonte: IBGE/PEVS, 2025. Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

3. Desempenho da produção municipal em Sergipe (2021–2025)

Entre 2021 e 2025, a produção dos municípios caiu de 458 para 302 toneladas (−34,1%). A queda não foi homogênea: dois municípios ampliaram a produção, dois permaneceram estáveis em níveis marginais e dez registraram retração.

3.1 Municipios Produtores de Mangaba (2025)

Em 2025, Estância (62 t; 20,5% do total estadual) e Indiaroba (58 t; 19,2%) foram os principais produtores, seguidos por Itaporanga d'Ajuda (43 t; 14,2%) e Santo Amaro das Brotas (40 t; 13,2%). Os quatro somaram 203 toneladas, ou 67,2% da produção estadual.



Fonte: IBGE/PEVS, 2025. Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

3.2 Evolução da Produção Municipal entre 2021 e 2025

A evolução municipal mostra que o recuo estadual foi puxado sobretudo pelas fortes quedas em municípios do entorno da capital e do litoral norte. Japaratuba reduziu sua produção de 47 para 9 toneladas (−80,9%), Pirambu passou de 45 para 12 toneladas (−73,3%), Barra dos Coqueiros de 25 para 8 toneladas (−68,0%) e Aracaju de 39 para 15 toneladas (−61,5%). Em conjunto, esses quatro municípios perderam 112 toneladas. Somadas às reduções em São Cristóvão, as perdas dos cinco municípios chegaram a 117 toneladas.

Entre os municípios com maiores volumes, Indiaroba registrou a maior queda absoluta, de 31 toneladas, passando de 89 para 58 toneladas (−34,8%). Estância também recuou, de 80 para 62 toneladas (−22,5%), mas assumiu a liderança estadual em 2025.

Itaporanga d'Ajuda diminuiu de 56 para 43 toneladas (−23,2%). Assim, Estância e Indiaroba mantiveram posição entre os principais polos, embora tenham reduzido a produção.

Santo Amaro das Brotas teve o maior avanço, de 14 para 40 toneladas (+185,7%), passando do décimo para o quarto lugar. Pacatuba também cresceu, de 20 para 22 toneladas (+10,0%). Esses dois municípios somaram 62 toneladas em 2025, ante 34 em 2021.

No Baixo São Francisco, Japoatã passou de 27 para 23 toneladas, enquanto Pacatuba cresceu de 20 para 22 toneladas. Propriá e Brejo Grande permaneceram em uma tonelada cada. O conjunto desses quatro municípios passou de 75 para 69 toneladas, redução de 8,0%. A relativa estabilidade de parte da produção nessa área contrasta com as retrações intensas observadas em alguns municípios do litoral e da região metropolitana.

As quedas registradas em Japaratuba, Pirambu, Barra dos Coqueiros, Aracaju e São Cristóvão justificam investigação local. Pressão urbana, restrição de acesso às áreas de coleta, redução de remanescentes naturais e mudanças na disponibilidade de mão de obra são hipóteses a verificar, não conclusões demonstradas pela PEVS/IBGE.

Tab. 3. Evolução da Produção de Mangaba por Município (Em t) (2021-2025)

Município	Produção 2021 (t)	Produção 2025 (t)	Variação
Indiaroba	89	58	-34,81%
Estância	80	62	-22,50%
Itaporanga d'Ajuda	56	43	-23,21%
Japaratuba	47	9	-80,85%
Pirambu	45	12	-73,34%
Aracaju	39	15	-61,54%
Japoatã	27	23	-14,81%
Barra dos Coqueiros	25	8	-68,00%
Pacatuba	20	22	10,00%
Santo Amaro das Brotas	14	40	185,71%
São Cristóvão	13	8	-38,46%
Propriá	1	1	0,00%
Brejo Grande	1	1	0,00%
Neópolis	1	0	-100,00%

Fonte: IBGE/PEVS, 2025. Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

3.3 Potenciais Desafios

A retomada da produção e a ampliação do valor gerado enfrentam desafios que devem orientar o desenho das políticas. O primeiro é a pressão sobre as áreas de ocorrência natural da mangabeira, sobretudo nos municípios próximos à capital e ao litoral, onde a expansão urbana e imobiliária pode restringir o acesso à coleta e reduzir os remanescentes.

O segundo é a concentração produtiva: quatro municípios respondem por 67,2% da produção estadual, de modo que perdas nesses polos têm impacto direto no volume do estado.

O terceiro desafio decorre das características da atividade: a perecibilidade do fruto, a dependência de mão de obra extrativista, a variabilidade da safra e a informalidade na comercialização dificultam a regularidade da oferta e a padronização exigidas pela indústria. O quarto é a captura de valor. O valor médio implícito da produção em 2025 (R$ 7,39 por quilo, ou R$ 2,231 milhões sobre 302 toneladas) refere-se à produção primária e não equivale à renda dos extrativistas, o que exige monitorar a distribuição do valor ao longo da cadeia.

4. Considerações e Oportunidades para Sergipe

4.1. Potencial Produtivo e Fortalecimento da Cadeia

Sergipe reúne três ativos importantes para o desenvolvimento da cadeia da mangaba: ocorrência natural da espécie, presença de comunidades tradicionais de catadoras e experiência local no aproveitamento do fruto. Em 2025, o estado respondeu por 12,3% da produção brasileira em volume e por 25,3% do valor da produção nacional.

O potencial econômico vai além da venda do fruto in natura e inclui polpas, sucos, sorvetes, geleias, doces, compotas, bolos e outros derivados. Para transformar esse potencial em atividade sustentável, é necessário conectar produção, beneficiamento, conservação, logística e acesso a mercados.

4.2. Agregação de Valor e Industrialização

A perecibilidade da mangaba e a sazonalidade da oferta podem limitar o período de comercialização e gerar perdas. O processamento da fruta, o congelamento da polpa e a melhoria das condições de armazenamento podem ampliar o tempo de oferta e facilitar o fornecimento a sorveterias, indústrias de alimentos e empreendimentos de bebidas.

As unidades de beneficiamento podem ser comunitárias, associativas ou empresariais. Sua implantação deve considerar a disponibilidade de matéria-prima, os custos logísticos, as exigências sanitárias, a capacidade de gestão e a existência de compradores. A prioridade não deve ser apenas instalar equipamentos, mas garantir operação regular, padrão de qualidade e participação efetiva das produtoras nas decisões e nos resultados comerciais.

4.3. Desenvolvimento Territorial e Inclusão Produtiva

A política para a cadeia deve reconhecer as catadoras como agentes centrais da atividade e valorizar seus conhecimentos sobre coleta, manejo e uso da mangaba. O fortalecimento de associações e cooperativas pode ampliar o poder de negociação, facilitar compras coletivas e viabilizar ações de beneficiamento e comercialização.

As ações também devem responder às diferenças territoriais: consolidar os polos de maior produção, acompanhar os municípios em expansão e diagnosticar aqueles que apresentaram retrações mais fortes. Essa abordagem evita tratar a produção estadual como homogênea e permite direcionar os recursos conforme as necessidades locais.

4.4. Oportunidades e Recomendações de Políticas Públicas

Eixo	Oportunidades para Sergipe	Ações Recomendadas
Produção e conservação	Manutenção e recuperação das áreas naturais de mangabeiras	Mapear remanescentes, apoiar manejo sustentável, viveiros e produção de mudas, articular medidas de conservação com comunidades locais.
Organização produtiva	Fortalecimento de associações e cooperativas	Apoiar formalização, gestão, capacitação, compras coletivas e comercialização; planejamento de safra e negociação.
Beneficiamento	Reduzir perdas e ampliar o período de oferta	Avaliar a viabilidade de unidades de processamento, congelamento, armazenamento e controle de qualidade.
Industrialização	Desenvolvimento de produtos derivados	Conectar produtores, agroindústrias, universidades e empreendedores.
Comercialização	Ampliar canais e melhorar a posição dos produtores na cadeia	Promover identidade territorial, prospecção comercial e acesso a compras públicas.
Desenvolvimento territorial	Direcionar ações conforme o desempenho municipal	Consolidar os polos de Estância, Indiaroba e Itaporanga d'Ajuda; acompanhar a expansão de Santo Amaro das Brotas e Pacatuba; investigar as retrações em municípios do litoral e entorno da capital.
Informação e Monitoramento	Melhorar a base de evidência	Complementar a PEVS/IBGE com cadastro de produtores, mapeamento de áreas de coleta e levantamento de preços, custos e condições de comercialização.

Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

5. Quadro-Síntese: Indicadores de Sergipe

Indicador	Resultado	Leitura
Produção em 2025	302 t	Quarto maior volume entre os estados produtores.
Valor da produção em 2025	R$ 2,231 milhões	Maior valor estadual registrado para a mangaba em 2025.
Participação no Brasil	12,3%	Quarta posição nacional em volume.
Participação no Nordeste	14,7%	Terceira posição regional em volume.
Variação da produção, 2020–2025	−39,0%	Queda continuada após o pico estadual de 2020.
Variação nominal do valor, 2020–2025	+80,2%	Aumento em valores correntes; não equivale a crescimento real sem correção pela inflação.
Valor médio por tonelada em 2025	R$ 7.387/t	Razão entre valor e quantidade; não representa necessariamente o preço recebido pelas catadoras/extrativistas.
Participação dos quatro maiores municípios	67,2%	Concentração relevante, mas sem dependência de um único município.
Destaque municipal	Santo Amaro das Brotas	Crescimento de 14 para 40 t entre 2021 e 2025 (+185,7%).

Elaboração: Desenvolve-SE/Inteligência de Mercado

6. Considerações Finais

Em 2025, Sergipe ocupou a quarta posição nacional em volume de mangaba e a terceira no Nordeste, com 302 toneladas. Embora esteja atrás de Paraíba, Rio Grande do Norte e Minas Gerais no ranking nacional por quantidade, o estado foi o maior em valor da produção, com R$ 2,231 milhões. Essa diferença entre volume e valor é um destaque importante, mas requer análise complementar para compreender quanto do valor chega às comunidades extrativistas e quanto é influenciado por preços, custos, qualidade e canais de comercialização.

A trajetória estadual combina capacidade de recuperação e sinal de atenção. Após atingir o mínimo de 190 toneladas em 2016, a produção cresceu até o máximo de 495 toneladas em 2020. Desde então, caiu por cinco anos consecutivos, chegando a 302 toneladas em 2025. No mesmo intervalo, o valor nominal aumentou 80,2%. O contraste recomenda uma estratégia que não se limite a elevar a quantidade: é necessário conservar a base natural, fortalecer a organização das produtoras e ampliar as oportunidades de beneficiamento e comercialização.

A produção municipal está concentrada em Estância, Indiaroba, Itaporanga d'Ajuda e Santo Amaro das Brotas, que, juntos, respondem por 67,2% do total estadual. Santo Amaro das Brotas e Pacatuba cresceram entre 2021 e 2025, enquanto algumas localidades do litoral e do entorno da capital registraram retrações acentuadas. A diversidade dessas trajetórias reforça a necessidade de políticas territorializadas e de investigação local para identificar os fatores associados às mudanças.

A oportunidade estratégica para Sergipe é transformar a relevância da mangaba em uma cadeia mais organizada, sustentável e capaz de gerar benefícios locais. Ações de conservação, assistência técnica, organização coletiva, beneficiamento e acesso a mercados podem reforçar a atividade e valorizar a sociobiodiversidade. O monitoramento de preços, custos e distribuição de valor deve acompanhar esse processo, para que o crescimento econômico se traduza também em melhores condições para as catadoras.